

NOTA PRÉVIA

Afirmar que nenhuma obra literária (e, em geral, nenhuma obra artística) escapa a um diálogo com a História constitui um truísmo que, exatamente por essa sua condição, dispensa demonstração. Em todas as épocas, em diferentes contextos periodológicos, na lenta e às vezes incerta variação dos modos e gêneros literários a dimensão histórica da literatura representa, à sua maneira, um firme elo de ligação do escritor (e, por extensão, dos leitores) com os problemas do seu tempo e com os do passado muitas vezes projetado na narrativa, mas também na poesia e no teatro. Porque assim o reconhecemos, podemos afirmar que o tema da historicidade da literatura que é contemplado neste número da *Revista de Estudos Literários* revela uma pertinência que a introdução elaborada por Maria Helena Santana, organizadora deste volume, bem atesta.

Os vários ângulos de ponderação que aquele tema permite são a mais flagrante prova da sua complexidade e da razão de ser dos debates que ele tem suscitado. A este propósito, convém lembrar o seguinte: quando, ainda no século XIX, a literatura entrou na academia e os estudos literários ganharam uma legitimidade que o século XX incrementou, foi pelo viés da História que as obras literárias e os seus autores começaram a ser estudados e explicados. Digo explicados, porque era disso que se tratava, de acordo com uma lógica causalista a que o positivismo oitocentista procurou incutir uma consistência científica que, aos olhos de hoje, levanta óbvias reservas.

Depois disso, a chamada história literária enfrentou contestações e sujeitou-se a revisões epistemológicas que o devir dos estudos literários bem atesta. Em paralelo com esse trajeto e às vezes cruzando-

-se com ele, a historicidade da literatura e, no seu contexto, a tematização ficcional da História têm estimulado indagações como aquelas que aqui se encontram, desdobradas em dois planos de análise: aquele que se ocupa do modo de ser histórico dos textos literários (em particular, do romance e das suas personagens) e o que incide sobre aspetos temáticos e ideológicos deduzidos da expressa representação da História, dos seus eventos e das suas figuras, em contexto literário e ficcional. A literatura do barroco e a ficção narrativa do romantismo e do realismo, com destaque para o romance histórico e para Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Alexandre Dumas e Eça de Queirós, surgem neste número da *Revista de Estudos Literários* como focos de análise que convivem com uma escritora dos nossos dias, Teolinda Gersão, e também com visões praticamente antagónicas do tempo histórico e do espaço colonial, em Reis Ventura (que também assinou Vasco Reis) e em Costa Andrade.

Como é usual, a *Revista de Estudos Literários* acolhe também ensaios não-temáticos. Destaque especial merece um texto de Ofélia Paiva Monteiro, que foi mestra de sucessivas gerações de estudantes e que há não muito nos deixou; intitulado “Refigurações garrettianas de ‘romances’ e outros textos tradicionais”, esse estudo inacabado de novo faz ressoar o refinado timbre a que o ensaísmo de Ofélia Paiva Monteiro nos habituou e que continua bem audível. Na secção “Profissão”, José Augusto Cardoso Bernardes ocupa-se do ensino d’*Os Lusíadas* em âmbito universitário, com a segurança de quem profundamente conhece a obra camoniana e a sua pedagogia universitária. Por fim, António Apolinário Lourenço resgata um texto que faz parte da receção crítica d’*A Relíquia*, romance controverso no seu tempo e mesmo depois dele. Este número 9 da *Revista de Estudos Literários* encerra-se com a habitual secção de resenhas críticas.

Uma nota final para registar o que, sendo doloroso, não pode ficar esquecido. Recentemente desapareceu do nosso convívio

Cristina Mello. Tendo pertencido à comissão redatorial desta revista e coorganizado o seu número 3 (de 2013), Cristina Mello deixa, entre os que a conheceram, os que com ela trabalharam e os que foram seus alunos, a saudade que naturalmente emerge, quando se perde uma Amiga e uma Colega competente, dedicada e firmemente comprometida com a universidade e com os seus valores.

Carlos Reis

<https://orcid.org/0000-0001-6492-3486>